

# REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 43 – Jun / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)  
ISSN 2526-4303 (ON LINE)

## HERMENÊUTICA E CONVENIÊNCIA

*Me. Evandro Roque Rojahn*



# HERMENÊUTICA E CONVENIÊNCIA

Hermeneutics and Convenience

*Me. Evandro Roque Rojahn<sup>1</sup>*

---

1 Pesquisador, professor e escritor. Autor do livro *O Reino de Deus e a Missão da Igreja*, além de dezenas de artigos sobre a importância do conceito de Reino de Deus para a Teologia Política. Graduado em Arte, Letras, Filosofia e Teologia. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento, Mestre em Leitura e Ensino da Bíblia e Doutorando em Educação pela PUCPR. Currículo completo disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7810556561003076>.

## RESUMO

O ideal é considerado aquilo em que reina a perfeição, o paraíso. Cada indivíduo, nesse sentido, pode ser idealista, isto é, ter uma noção do que seria um mundo perfeito, justo e belo. Contudo, as formas de idealismo trazem consigo a ignorância da realidade. Ao observar as estrelas, o idealista cai no poço. Mesmo que todos possam ter seus ideais, quando se trata de mudanças efetivas na realidade, tais mudanças somente podem ser seguramente realizadas quando se leva em consideração os elementos da própria realidade. Alguns regimes idealistas tentaram se impor suprimindo a realidade, os resultados foram os mais catastróficos da história, crimes, terror, repressão e genocídios. O sentimento é importante para o trabalho intelectual, contudo, quando se eleva acima da realidade, dos fatos, torna-se pernicioso. Esse mesmo sentimento que caracteriza a parcialidade, o sectarismo da ideologia, pode impregnar o intérprete e levá-lo à prática da verdade seletiva, aquela que escolhe apenas o que adula sua alma, a hermenêutica da conveniência.

**Palavras-Chave:** Idealismo. Realidade. Ideologia. Hermenêutica. Conveniência.

## ABSTRACT

The ideal is considered that in which perfection reigns, paradise. Each individual, in this sense, can be idealistic, that is, have a sense of what a perfect, fair and beautiful world would be. However, forms of idealism bring with them ignorance of reality. Observing the stars, the idealist falls into the well. Even though everyone can have their ideals, when it comes to effective changes in reality, such changes can only be safely made when taking into account the elements of reality itself. Some idealistic regimes tried to impose themselves by suppressing reality, the results were the most catastrophic in his-

tory, crimes, terror, repression and genocide. Feeling is important for intellectual work, however, when it rises above reality, facts, it becomes harmful. This same feeling that characterizes partiality, the sectarianism of ideology, can permeate the interpreter and lead him to the practice of selective truth, one that chooses only what flatters his soul, the hermeneutics of convenience.

**Keywords:** Idealism. Reality. Ideology. Hermeneutics. Convenience.

## INTRODUÇÃO

Albert Schweitzer é considerado um grande pesquisador principalmente no que diz respeito a busca do “Jesus histórico”. Ao analisar as concepções sobre Jesus nos períodos que antecederam sua época, Schweitzer percebeu a parcialidade dos pesquisadores. Schweitzer descreveu esse fenômeno como “a intromissão de elementos pessoais”<sup>2</sup> nas pesquisas. Cada época se viu sob uma perspectiva muito particular e cada crítico escreveu sob um prisma pessoal, de acordo com o background<sup>3</sup> filosófico de que era possuidor. Schweitzer notou que os resultados de tais pesquisas nunca eram devidos ao movimento científico puro. Com a ascensão da crítica moderna principalmente sob o pretenso objetivo científico, os pesquisadores se viram obrigados a deixar de lado os milagres, pois, os tais não se moviam no campo natural, no qual se move a ciência.

Schweitzer, a partir desta constatação, ironizou que a hermenêutica era como um homem olhando no fundo do poço e vendo seu próprio reflexo.<sup>4</sup> Se Schweitzer estiver correto, grande parte da hermenêutica pretensamente científica não passa

2 FERREIRA, Júlio Andrade (Org.). Teologia sistemática contemporânea. São Paulo: Fonte, 2018, p. 127.

3 Fundo.

4 HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. Politização da Bíblia: as raízes do Método Histórico-Crítico e a secularização da Escritura – 1300-1700. Tradução de Giovanna Louise. Campinas: Ecclesiae, 2018, p. 625.

de uma “apologia da ideologia pessoal”, isto é, uma defesa dos ideais pessoais do próprio intérprete, uma perspectiva partidária. Neste artigo procuraremos elucidar a diferença entre o Idealismo e a Realidade a fim de esclarecer as raízes da falsa inteligência e sua distinção da verdadeira. No segundo ponto será indicada a importância do sentimento para um melhor desempenho do trabalho intelectual, bem como sua relação com a ideologia e a característica distintiva da ideologia, isto é, seu caráter antirrealista. E no último ponto abordaremos a interpretação e as consequências de sua influência negativa pela ideologia. Quando a ideologia rege a interpretação, esta torna-se parcial, e como diz Julien Benda: o delírio da imparcialidade conduz à iniquidade.<sup>5</sup> Tal parcialidade, típica da ideologia é o resultado da paixão, pois quem quer alguma coisa para si mesmo rejeita a verdade.<sup>6</sup> A hermenêutica resultante da ideologia é pura conveniência. A conveniência reduz a verdade a um modo de ver as coisas pessoal, grupal ou partidário. Por isso, a hermenêutica da conveniência deverá ser deixada de lado caso o intérprete realmente queira alcançar a verdade.

256

## 1. IDEALISMO E REALIDADE

O idealismo é próprio da ideia, isto é, diz respeito àquelas coisas que existem no reino da imaginação. As abstrações da imaginação, da fantasia levam o indivíduo a imaginar o mundo onde reina a plena justiça e beleza, contudo, ao fazer isso, o tal sonhador-mor<sup>7</sup> ignora a realidade concreta. Ora, ignorar a realidade é ignorar aquilo que é verdadeiro, que é concreto. É exatamente essa característica que distingue a verdadeira inteligência da falsa.

5 BENDA, Julien. A traição dos intelectuais. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Peixoto Neto, 2007, p. 242.

6 SERTILANGES, Antonin-Dalmace. A vida intelectual: seu espírito, suas condições, seus métodos; tradução de Roberto Mallet; prefácio de Olavo de Carvalho. Campinas: Kírion, 2019, p. 178.

7 Terminologia pejorativa empregada pelos irmãos de José pouco antes de o lançarem na cisterna e vende-lo como escravo (Gn 37).

## 1.1 JULES PAYOT

Jules Payot foi pedagogo e acadêmico francês. Nascido em 1859 em Chamonix, faleceu em 1940 na mesma comuna francesa. Em 1907 foi nomeado reitor as universidades de Chambéry e de Aix-em-Provence. *La éducation de la volonté*<sup>8</sup> foi traduzido em 32 línguas; além dele, Payot escreveu diversos livros sobre filosofia moral e educação dedicados aos professores, como *L'apprentissage de l'art d'écrire*,<sup>9</sup> *Le travail intellectuel et la volonté* e *Autorité et discipline em matière d'éducation*.<sup>10</sup> Admirador da doutrina psicológica da Igreja Católica, era, entretanto, um apologista da educação laica.<sup>11</sup> Publicou também um complemento à Educação da Vontade intitulado O Trabalho Intelectual e a Vontade durante a Primeira Guerra entre 1914 e 1919.<sup>12</sup>

Jules Payot oferece uma abordagem precisa sobre os três pontos centrais deste artigo; idealismo, ideologia e conveniência. Por isso será largamente citado e suas obras são altamente recomendáveis principalmente para aqueles que desejam organizar a vida intelectual a fim de que o trabalho intelectual seja mais produtivo. Junto com outros autores,<sup>13</sup> a contribuição de Payot para a organização do trabalho intelectual é assaz relevante. Aqui, no entanto, nos limitamos ao campo da interpretação bíblica, valendo-se do pensamento de Payot para elucidar a interferência do sentimento na interpretação e suas consequências diretas sobre o intérprete e, conseqüentemente, sobre o produto, a hermenêutica da conveniência.

8 A Educação da Vontade.

9 Aprendendo a arte de escrever.

10 O Trabalho intelectual e a vontade e Autoridade e disciplina na educação.

11 PAYOT, Jules. A educação da vontade. Tradução de Roberto Mallet. Campinas: Kírión, 2018, contracapa.

12 PAYOT, Jules. O trabalho intelectual e a vontade: continuação de "A educação da vontade". Tradução de Christian Lesage. Campinas: Kírión, 2020, contracapa.

13 No tempo em que esse artigo está sendo escrito, a Editora Kírión disponibilizou um box com 12 obras. Disponível em <https://kirion.com.br/kit-vida-completo>.

## 1.2 IDEALISMO

O “Ideal” é comumente compreendido como aquilo que existe somente na ideia, que reúne toda a perfeição concebível, objeto da mais alta aspiração, um modelo sonhado e/ou idealizado pela fantasia, pela imaginação.<sup>14</sup> Desta forma, o idealismo se apresenta como propensão para o “Ideal”, isto é, uma tendência ao imaginário, ao abstrato,<sup>15</sup> uma aspiração ao que se pode considerar mais perfeito. Assim, o idealismo mais antigo conhecido é o platônico, pois é totalmente dependente do “Mundo as Ideias”. “A República” de Platão é um grande exemplo do idealismo platônico. A força do Idealismo é também sua grande fraqueza. O idealismo é baseado nas ideias, na imaginação daquilo que é, ou seria, perfeito. Ignorando assim, a realidade, negando-a como ponto de partida. Um bom exemplo de idealismo é apresentado na música “Imagine” de John Lennon.<sup>16</sup>

Jules Payot acredita que o idealismo é uma apologia do irreal, por isso mesmo, é característica do idealismo a pseudo-inteligência. A falsa inteligência e os falsos inteligentes são idealistas, isto é, seu pensamento é ordenado levando em consideração apenas a imaginação, a fantasia, o abstrato, e nunca a realidade efetiva. O idealismo é a negação da realidade efetiva e sua consequente substituição pela imaginação quimérica. Negar a realidade efetiva por causa de um ideal irrealizável é característica dos pseudo-inteligentes, pois, estes não querem que aquilo que é verdadeiro seja verdade. A negação da realidade é o sintoma da loucura. A característica *da loucura* é a alteração do senso da realidade. É a incapacidade de ver a realidade como ela é e, portanto, a impossibilidade de inserir corretamente a ação na realidade.<sup>17</sup>

14 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio Júnior: Dicionário escolar da língua portuguesa. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2011, p. 489.

15 ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 522.

16 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YkgkThdX-8>.

17 PAYOT, 2020, p. 66.

A Revolução Comunista que assolou a antiga URSS e depois contaminou o mundo é um exemplo das consequências de se negar a realidade por um ideal irrealizável.<sup>18</sup> Segundo Payot, toda cultura aprofundada da inteligência nos leva à presença das leis eternas da razão. Os anarquistas são retóricos supersticiosos, que substituem as coisas por palavras grandiloquentes e creem no milagre social: recusam-se a baixar seus olhares para as tristes realidades da natureza humana. Se consentissem em estudar-se seriamente, e a avaliar sua conduta cotidiana sem indulgência, veriam que com homens imperfeitos como somos todos, uma sociedade perfeita é impossível, pois muitos homens permanecem próximos ao estágio bruto primitivo, como prova o exemplo dos bolcheviques.

Ao invés de fixar o olhar em um ideal irrealizável, saibamos ver o que é possível e substituamos a cultura da imaginação quimérica pela cultura da inteligência, bem diferente da produção corrente da pseudo-inteligência.<sup>19</sup> Todo sentimento que se interpuser entre a realidade e nossa visão, que nos faça vê-la amarela quando é branca ou verde quando é vermelha, reduz ou aniquila nossa inteligência.<sup>20</sup> Ser inteligente é enfrentar a realidade, e inspirar-se no que há de mais profundo nela, a razão. Somente esse olhar límpido sobre a verdade permite a ação fecunda e a modificação da realidade através das ideias.<sup>21</sup>

---

18 Para se ter uma noção das atrocidades cometidas pelas revoluções comuno-socialistas no mundo, basta consultar CURTOIS, Stéphane [et al.]. *O Livro Negro do Comunismo: crimes, terror e repressão*. Tradução de Caio Meira. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018; KENGOR, Paul. *Manual politicamente incorreto do comunismo*. Tradução de William Campos da Cruz e Ana Simões. Campinas: VIDE Editorial, 2019; e LAJE, Agustín; MARQUEZ, Nicolás. *O Livro negro da nova esquerda*. Tradução de Jefferson Bombachim. Curitiba: Danúbio, 2018.

19 PAYOT, 2020, p. 62.

20 PAYOT, 2020, p. 65.

21 PAYOT, 2020, p. 68.

### 1.3 REALIDADE

O antônimo daquilo que é imaginário, fictício, ideal, chamamos “Real”. O real é aquilo que existe de fato, aquilo que é verdadeiro.<sup>22</sup> Desta forma, àquilo que existe efetivamente, que é real, damos o nome de “realidade”. E aqueles que se prendem à realidade e ao que é real, diz-se que assumem uma postura realista e, portanto, verdadeira.<sup>23</sup> Em filosofia chamamos realidade o modo de ser das coisas existentes fora da mente humana ou independente dela. Como foi dito, o oposto de realidade é idealidade, isto é, aquilo que está na mente.<sup>24</sup> A discussão sobre a percepção e a própria existência da realidade fora da mente é antiga e não é o propósito deste artigo nos determos dela.

Payot defende que a falsa inteligência é caracterizada por uma perspectiva idealista e que, a verdadeira inteligência recai exatamente sobre a atenção respeitosa e humilde sobre a realidade efetiva. Não se deve, portanto, negar a realidade, falseá-la ou esvaziá-la de conteúdo. Cabe ao verdadeiro intelectual, uma postura humilde diante da imposição da realidade. Pois a realidade sempre se impõe sobre a imaginação quimérica.<sup>25</sup> Ser inteligente significa distinguir claramente o que é do que não é, o factível do impossível, o que está de acordo com o fato e o que não está. Ser inteligente é compreender o caso tão claramente quanto se discernem os detalhes no fundo da água transparente. Esta limpidez do olhar da inteligência supõe o acalmar das paixões e a liberdade de espírito: por isso ela é negada aos levianos, aos dissimulados, aos emotivos. É que a menor das emoções, ao encrespar a superfície da alma, perturba a imagem da realidade; ela impõe, no ato de pensar, a ponderação delicada de motivos e razões.<sup>26</sup>

22 FERREIRA, 2011, p. 741.

23 FERREIRA, 2011, p. 742.

24 ABBAGNANO, 2000, p. 831.

25 Jules Payot usa essa expressão para se referir aos exageros do idealismo e a impossibilidade de realizar os ideais ignorando a própria realidade.

26 PAYOT, 2020, p. 63.

O respeito devido a realidade efetiva é assegurado nas Escrituras. Quando Deus chama as coisas pelo seu nome nos dias da criação, significa que as coisas são o que são. Por isso não se pode chamar o certo de errado, o bom de ruim, o mal de bem, o doce de amargo, a luz de trevas.<sup>27</sup> A realidade é o que é e sempre se impõe.<sup>28</sup> Qualquer mudança efetiva na realidade só é possível e viável seguramente a partir da compreensão dela mesma. Aqueles que tentaram forçar a realidade a se submeter ao idealismo quimérico, sofreram e ainda sofrem as duras penas da imposição própria da realidade.<sup>29</sup> Somente o conhecimento exato das realidades pode capacitar a agir sobre elas.<sup>30</sup>

Em epistemologia a teoria elementar que assegura o conhecimento verdadeiro é chamada “Teoria da Correspondência”.<sup>31</sup> Exatamente por ser assegurada por sua relação direta e interdependente com a realidade efetiva, como o “relógio de Pascal”.<sup>32</sup> O idealismo traz consigo a alienação. A alienação é constituída de sentimentos mórbidos que deformam a percepção, o julgamento, em uma palavra, a inteligência. Toda deformação da inteligência por um sentimento constitui um princípio de alienação.<sup>33</sup> Quando o idealismo encontra legitimação, ainda que falsa, em algum sentimento, surge a ideologia. A ideologia consiste na negação da realidade com base em um tipo de preferência partidária. É o que veremos a seguir.

27 Isaías 5.20.

28 PAYOT, 2020, p. 74.

29 A URSS entrou em colapso e os países nos quais regimes idealistas que desprezam a realidade forçaram seu estabelecimento por meio de revoluções sangrentas, todos, sem exceção, sofreram e ainda sofrem os abusos do idealismo. Destes muitos foram levados a falência, fomes, mortes, campos de concentração, autoritarismo e totalitarismo estatal, violação de liberdade e os mais variados tipos de violação dos direitos humanos. É possível observar isso em regimes como o fascismo, nazismo, comunismo e socialismo. Esses regimes juntos, mataram mais que qualquer guerra.

30 PAYOT, 2020, p. 76.

31 ZILLES, Urbano. Teoria do conhecimento e teoria da ciência. São Paulo: Paulus, 2005, p. 130.

32 Blaise Pascal observou que algumas pessoas sem relógio estavam discutindo sobre que horas seriam e quanto tempo havia passado. Pascal afirmou que essas pessoas julgam as coisas pela imaginação, mas ele, para saber a hora, observava o relógio (PASCAL, Blaise. Pensamentos. Tradução da Equipe da Editora Nova Cultura. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 32).

33 PAYOT, 2020, p. 66.

## 2. IDEOLOGIA

O sentimento é importante, pois, quando associado a uma ideia fortalece-a e desencadeia uma torrente de afetos (ou desa-fetos). Essa associação pode ser benéfica ao trabalho intelectual. Contudo, torna-se perigosa quando suprime e eleva-se acima da verdade, isto é, dos fatos. Essa paixão que ignora os fatos é a característica distintiva da ideologia e é altamente perigosa para a interpretação, pois, seu produto é idealista e, portanto, pseudo-inteligência.

### 2.1 A IMPORTÂNCIA DO SENTIMENTO

O sentimento, seja amor ou ódio,<sup>34</sup> é uma energia que aumenta significativamente a força de uma ideia. As duas obras de Payot enfatizam o emprego adequado do sentimento na organização do trabalho intelectual, tendo em mente o aumento significativo de seu rendimento. O sentimento é sempre atrelado a uma ideia, pois os conceitos que cercam esta sempre recordam sensações e associam-se simultaneamente. Essa associação de sentimentos a ideias pode ocorrer naturalmente e involuntariamente. A proposta de Payot sugere que é possível associar os sentimentos adequados ao trabalho intelectual e com isso, alcançar melhores resultados. Algumas ideias tentam se legitimar pelo sentimento, em outros casos é a própria inteligência que pode ser legitimada pelo sentimento.<sup>35</sup> Uma boa ideia associada a um bom sentimento torna-se uma ideia ainda mais forte. Contudo, sofismas e ideias falsas também podem ser associadas e fortalecidas por sentimentos afetuosos.

Um exemplo desse tipo de artifício é encontrado em Provérbios 22.13. Nele podemos ler que “o preguiçoso sempre alega: Há um leão lá fora! Serei morto se sair à rua!” Aqui o preguiçoso

34 Empregado aqui para demonstrar a universalidade e a totalidade do sentimento, assim como a expressão “céu e terra” são sinônimos para “universo”.

35 PAYOT, 2018, p. 97.

vale-se de um sofisma, uma ideia falsa para legitimar sua preguiça. O medo que, em muitos casos pode ser útil para garantir a segurança do indivíduo, é o sentimento empregado pelo preguiçoso para legitimar a falsa ideia de que há muitos perigos que cercam as atividades humanas. Esse é um caso em que o sentimento é associado a uma ideia a fim de torná-la mais forte. A preguiça, como todas as paixões, busca legitimar-se através da inteligência.<sup>36</sup>

## 2.2 O SENTIMENTO E A IDEOLOGIA

Um dos problemas decorrentes da associação de sentimentos a ideias, seja proposital, seja involuntário, é o trauma, isto é, o resultado prático desta associação. A consequência desta associação somente pode ser efetivamente benéfica quando o sentimento é legitimado pela verdadeira inteligência, isto é, pela correspondência com a realidade efetiva. Quando o sentimento é empregado para legitimar uma ideia falsa, isto é, ocultar o verdadeiro sentido das coisas e da própria realidade, surge o sentido pejorativo da ideologia. A ideologia foi originalmente criada por *Destut de Tracy* para designar “a análise das sensações e das ideias”,<sup>37</sup> no entanto, Napoleão (opositor dos ideologistas franceses), a fim de suprimir seus adversários, empregou este termo em sentido depreciativo, pretendendo com isso identificá-los como sectários ou dogmáticos. Desde então a palavra “ideologia” tornou-se inseparável da implicação pejorativa de que ideias estariam sendo usadas para obscurecer a verdade e manipular as pessoas através do engano.<sup>38</sup>

Como fora dito, o sentimento fortalece a ideia, mas pode ocorrer a supressão da inteligência pelo sentimento quando este é exagerado, isto é, a paixão. O que é estar apaixonado, com

36 PAYOT, 2018, p. 203.

37 ABBAGNANO, 2000, p. 531.

38 BENDIX, Reinhard. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Tradução de Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 371.

efeito, senão deixar de ser senhor de si mesmo? A paixão é a animalidade, é o cego impulso da hereditariedade que obscurece a inteligência, oprime-a e, mais ainda, põe-na a seu serviço; é a supressão da humanidade em nós, o rebaixamento do que é ao mesmo tempo nossa honra e nossa razão de ser; durante o tempo em que ela reina, regredimos em escala zoológica.<sup>39</sup> Quando o sentimento empregado suprime a realidade e, portanto, a falseia, o produto daí decorrente é uma perspectiva partidarista, sectária, nebulosa, fingida e falsificada da realidade, isto é, a ideologia. O sentimento excessivo, a paixão, torna o indivíduo, partido ou grupo, cego, isto é, alienado da realidade efetiva.

A paixão, essencialmente cega, nada pode sem o auxílio da inteligência; se consegue conquistar a cumplicidade desta, a paixão pode exacerbar-se de criar a seu favor um movimento torrencial de ideias e de sentimentos acessórios, ao qual não conseguem resistir nem as vontades fortemente aguerridas.<sup>40</sup> A ideologia, portanto, consiste em um modo de ver a realidade, próprio de um indivíduo, grupo ou partido.<sup>41</sup>

264

### 2.3 IDEOLOGIA E ANTIRREALISMO

A ideologia passa a ser entendida como uma perspectiva falseada da realidade, e essa falsificação foi causada por uma preferência pessoal, uma paixão voluntária, do indivíduo, grupo ou partido. As consequências de se brincar com a realidade e entender as coisas conforme sua paixão determina, são: relativismo (escolher suas “verdades”), inversão de valores, imposição de um idealismo quimérico que resulta em caos, fomes, genocídios<sup>42</sup> etc. Por causa disso, conhecer a realidade e humildemente aceitá-la torna-se uma questão de vida ou morte.<sup>43</sup> Já fora dito

39 PAYOT, 2018, p. 173.

40 PAYOT, 2018, p. 190.

41 FERREIRA, 2011, p. 490.

42 PAYOT, 2020, p. 74.

43 PAYOT, 2020, p. 76.

que toda mudança realmente efetiva somente pode ser empregada por aqueles que conhecem profundamente os aspectos próprios da realidade.<sup>44</sup> As ideologias “imaginam”<sup>45</sup> apenas nulidades, mas convencidos pela paixão, acreditam ser os donos da verdade e possuidores da fórmula que tornará este mundo o “paraíso” na terra.

Temos de ser desinteressados, aceitar a verdade mesmo que não nos seja conveniente, independentemente do transtorno que possa nos causar, qualquer que seja o partido ou os interesses de que ela nos separa. Por isso os fracos fogem da verdade. Querem enganar a si próprios e sua covardia prefere uma mensagem agradável à realidade. Isso se aplica a todas as circunstâncias da vida. É como a mãe que vê em seu filho qualidades que ele não tem, e peca por perverter a realidade. Na maior parte do tempo, é desagradável encarar as coisas como elas são. Essa realidade que se impõe a nós, que insiste em existir, quer nos agrade quer não, serenamente indiferente a nossas tendências, a nossas preferências, a nossos afetos, é insuportável! (...) A realidade é tenaz, e não vai embora.<sup>46</sup> A realidade sempre se impõe. A realidade efetiva é a verdade concreta e nada podemos fazer contra a verdade, mas somente a favor dela.<sup>47</sup>

A Escritura apresenta o emblemático caso de Pilatos, no qual, pergunta a Jesus: “que é a verdade?”<sup>48</sup> e, em seguida, assegura não ver em Jesus crime algum,<sup>49</sup> mas para agradar os judeus, solta Barrabás, açoita Jesus, e, por fim, o entrega para a crucificação, não sem antes declarar que possuía “poder para crucificar e para soltar” Jesus. Pilatos é o que melhor representa a ideologia<sup>50</sup> na Escritura. Pois, constata a verdade concreta e

44 PAYOT, 2020, p. 76.

45 A própria Escritura denuncia esse artifício característico dos pseudo-inteligentes no Salmos 2.1: “Por que se enfurecem as nações e os povos imaginam coisas vãs?”

46 PAYOT, 2020, p. 65.

47 II Coríntios 13.8.

48 João 18.38.

49 Pilatos afirma por três vezes não ver crime algum em Jesus (Jo 18.38; 19.4,6).

50 Outros são os fariseus, saduceus e escribas em Mateus 23.

real (sabe que Jesus é inocente e sabe da inveja dos judeus), mas, para agradar os outros e a si mesmo, cede a pressão dos judeus para crucificar a Verdade em prol da mentira. É exatamente isso que os falsos intelectuais, apaixonados ideólogos fazem: sabem da verdade, mas, para agradar os outros e posar de bonzinhos, negam a realidade e se entregam a mentira. Muitos mais se poderia escrever sobre as atrocidades decorrentes da supressão da realidade/verdade pela paixão, mas um artigo singelo como este seria demasiado pequeno para tal empreendimento.

### 3. INTERPRETAÇÃO E CONVENIÊNCIA

Quando a paixão domina o indivíduo, a verdade, isto é, a realidade efetiva, torna-se uma negação. A interpretação é diretamente afetada pela ideologia, pois caracteriza o modo de ver do indivíduo, grupo ou partido. Assim, aquele que cede ao sentimento mais que a verdade, acaba gerando uma hermenêutica própria, de acordo com suas preferências, adulações da alma, uma hermenêutica da conveniência.

266

#### 3.1 INTERPRETAÇÃO

A interpretação é o ato de organizar o pensamento visando explicar ou declarar o sentido de alguma coisa.<sup>51</sup> Basicamente, interpretar é tornar algo claro e inteligível descobrindo e declarando seu sentido. A interpretação é uma arte, pois demanda exímio cuidado e atenção mesmo aos menores detalhes. A interpretação também é considerada uma ciência. Como ciência, a interpretação demanda métodos, isto é, caminhos, vias, pelos quais se pode chegar ao conhecimento da verdade com maior segurança. Pode-se dizer que a mania de método<sup>52</sup> é de origem cartesiana.<sup>53</sup> Atualmente os métodos são altamente valorizados

51 FERREIRA, 2011, p. 521.

52 HAHN; WIKER, 2018, p. 337.

53 DESCARTES, René. Discurso do Método. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 38.

em pesquisas acadêmicas em faculdades e universidades. Diga-se, contudo, que os métodos são bons, mas que não se considerem os métodos como perfeitos, pois os tais são limitados. Considera-se que cada ciência possua seu método, isto é, um caminho mais simples e eficaz, por meio do qual se pode alcançar a verdade. Os métodos já foram duramente criticados pela filosofia ao longo da história, contudo, ainda são largamente utilizados na interpretação. A própria mania de método é, em seu cerne, um tipo de ideologia.

A arte/ciência da interpretação é conhecida como Hermenêutica. Sendo Hermes (intérprete), o deus grego do comércio que servia como mensageiro<sup>54</sup> de outros deuses. A Hermenêutica Bíblica é uma ciência por meio da qual os estudiosos interpretam o texto sagrado.<sup>55</sup> Os estudiosos da bíblia acreditam que um texto bíblico deve ser interpretado de acordo com a língua na qual foi escrito, seu contexto histórico, a identidade e propósito do autor, sua natureza literária e a situação para a qual foi originalmente dirigido.<sup>56</sup> Todos esses, são fatores a serem considerados no ato da interpretação bíblica, isto é, em sua hermenêutica. A integridade e a sinceridade são elementos morais inegociáveis a qualquer intérprete que preze pela verdade. Mas isso não é absoluto. Por se tratar de interpretação, isto é, de um ato humano e, portanto, falível e imperfeito, a interpretação pode estar sujeita a ser impregnada de paixão, imaginação, ignorância e até desprezo total pela realidade.

### 3.2 HERMENÊUTICA E IDEOLOGIA

Sendo a ideologia uma falsificação e negação da realidade, na qual a causa é a paixão, é evidente que isso influi diretamente

54 KISTEMAKER, Simon. Comentário do Novo Testamento: Atos, Vol. 2. Traduzido por Ézia Mullis e Neuza Batista da Silva. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 27-28.

55 Considera-se a hermenêutica e a exegese como necessárias à interpretação do texto sagrado.

56 YOUNGBLOOD, Ronald F. [et al]. Dicionário ilustrado da Bíblia. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva [et al]. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 659.

na interpretação, isto é, na hermenêutica. Segundo Jules Payot o sentimento recusa a cada instante a interpretação verdadeira, e sugere uma interpretação alucinatória que toma o seu lugar na consciência.<sup>57</sup> A ideologia é movida pela paixão, não pela realidade e, portanto, tem sua própria hermenêutica. Os ideólogos (declarados ou não) estão em todas as esferas da sociedade. Estão colocados em áreas estratégicas do poder estatal. São pseudo-inteligentes, pois ignoram a realidade e não se importam com os fatos. É comum vermos esses ideólogos na mídia, em jornais e nas redes sociais. Todos querem posar de inteligentes e detentores da verdade, mas a realidade se impõe, ela não cede.

Atualmente um ideólogo, ministro da suprema corte deste país, afirmou que a Venezuela é uma “ditadura de direita” e “orientada pelo conservadorismo”.<sup>58</sup> Esse é um exemplo concreto de interpretação imaginária, fantasiosa, que desconsidera a realidade efetiva. Os ideólogos normalmente se apresentam como bons, justos, donos da verdade e da “fórmula do paraíso”. A hermenêutica empregada pela ideologia é parcial, partidarista, falseada e pseudointelectual. Essa sujeição ao “quê dirão?” faz deles seres amáveis, polidos, sem nenhuma originalidade, gentis marionetes mecânicas cujas cordas estão nas mãos de outros.<sup>59</sup> Assim como Pilatos, os ideólogos sabem da verdade, mas a paixão (e outros fatores obscuros) pelas adulações e preferências pessoais, o desejo de agradar os outros etc., faz com que desprezem a verdade no mais infame e repudiável ato de cínico fingimento que beira a psicose.<sup>60</sup>

268

### 3.3 A HERMENÊUTICA DA CONVENIÊNCIA

Como fora afirmado anteriormente, a ideologia tem sua própria hermenêutica: a conveniência. Aqueles que servem a

57 PAYOT, 2018, p. 59.

58 Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/barroso-afirma-que-a-venezuela-e-tirania-de-direita/>.

59 PAYOT, 2018, p. 60.

60 “Porquanto trocaram a verdade de Deus pela mentira...” (Rm 1.25).

paixão em detrimento da realidade efetiva interpretam tudo pelos óculos de suas preferências. A hermenêutica da conveniência ocorre quando o intérprete (seja qual for a área de atuação) desconsidera propositalmente os fatos que contradizem seus afetos. Os afetos julgam os fatos segundo os elementos que o intérprete julgam de acordo com suas predileções.

Por exemplo: historicamente Stálin e Hitler passaram a se odiar depois de algumas manobras e enganos de ambas as partes. Significa que, comunistas e nazistas<sup>61</sup> se odiaram a partir daí. A hermenêutica da conveniência faz com que o comunista reprove os atos nazistas como sendo dignos de reprovação (de fato são), mas feche os olhos quando se trata dos atos reprováveis do comunismo. Hitler teve campos de concentração; isso é mau. Stálin teve campos de concentração; isso não é mau. Hitler foi totalitário; mau. Stálin foi totalitário; bom. Hitler matou aproximadamente 24 milhões de pessoas; maldito seja. A URSS matou mais de 65 milhões de pessoas; foi necessário. Se um político, filósofo, pastor, padre, escritor, professor, empresário for cristão, conservador, “de direita”, para a hermenêutica da conveniência, segundo o comunosocialista, ele é mau. Mas se o político, filósofo, pastor, padre, escritor, professor, empresário, for simpatizante do comunismo, socialismo, feminismo, ambientalismo etc., ele é automaticamente do bem. Esse é um exemplo claríssimo de interpretação por conveniência. Os que assim procedem, não querem saber da verdade, nunca quiseram, como Pilatos, crucifica a verdade e se entrega a mentira a fim de agradar a si mesmo e aos outros.

A interpretação por conveniência não ocorre apenas no campo sociopolítico, ela também está presente em alguns movimentos de interpretação bíblica. As causas para a interpretação conveniente são muitas, mas a paixão é a mesma. Abordamos como exemplo as interpretações a respeito do Reino de Deus his-

---

61 Fascistas também.

toricamente estabelecidas a fim de elucidar o desenvolvimento (se é que houve algum) do conceito. O resultado foi uma trilogia de artigos intitulados “História da Teologia do Reino de Deus”.<sup>62</sup> Mesmo em uma rápida leitura desses artigos, o leitor poderá perceber como o conceito exclusivamente bíblico de “Reino de Deus” foi tomado e de maneira absurda, completamente tirado do seu contexto, torcido ao máximo com meias-verdades a fim de justificar filosofias políticas e até o regime desgraçadamente genocida do comunismo. Alguns intérpretes, munidos de integridade e seriedade se esforçaram para se manter fidedignos à mais pura verdade, outros, porém, nem sequer passaram perto.

Segue um resumo simplificado para que o leitor entenda que a conveniência é uma falsa forma de interpretação. O Reino de Deus para Descartes era um tipo de império mecânico e poderia ser alcançado terrenamente por meio da tecnologia; para Hobbes era também um Reino terreno, material e estatal; Kant reduziu o Reino e o manteve apenas no campo da moralidade; Schleiermacher reduziu o Reino de Deus a um “sentimento na alma”; e Hegel que apenas retirou a terminologia “O Reino de Deus” da Escritura e fez dela um elemento de sua filosofia que não possuía mais relação alguma com o texto sagrado; Walter Rauschenbusch, pioneiro em empregar o conceito de Reino na busca do “milagre social”; Bultmann reduziu o conceito a uma “pregação escatológica” que nem mesmo se cumpriu e que deveria ser interpretado por meio da filosofia existencialista etc.

Muitos teólogos empregaram integridade na busca da verdade, tais como, Tomás de Aquino, Karl Barth e George Eldon Ladd, por exemplo. É evidente que o Reino de Deus para alguns destes teólogos sequer era uma questão central na teologia, seria mais uma teologia marginal. O problema, como fora

62 ROJAHN, E. R. História da teologia do Reino de Deus: Dos Tempos de Jesus à Reforma Protestante. Revista Batista Pioneira, v. 8, p. 323-346, 2019. ROJAHN, E. R. História da teologia do Reino de Deus: De Maquiavel a Rauschenbusch. Revista Via Teológica, v. 20, p. 111-150, 2019. ROJAHN, E. R. História da teologia do Reino de Deus: de Barth aos Dias Atuais. Revista Ensaios Teológicos, v. 05, p. 42-63, 2019.

dito, é a parcialidade, o sectarismo (partidarismo), a conveniência na interpretação, isto é, dar ênfase não a verdade, mas àqueles aspectos da preferência, da conveniência, para agradar a si e para agradar aos outros. Isso constitui a hermenêutica da conveniência. Hoje há movimentos teológicos, como por exemplo, a Teologia Feminista, Teologia Negra, Teologia Gay e a Teologia da Libertação, que ignoram explicitamente questões escriturísticas como a propriedade privada, a liberdade, a igualdade do gênero humano, a valorização da mulher, a condenação da perversão e da luxúria etc.

Tudo isso feito a partir de uma negação da realidade, desprezo pela verdade e ênfase nas questões que apenas interessa ao indivíduo, seu grupo, seu partido político e seu idealismo. Ainda nem foram levantadas aqui as questões de liberdade humana e soberania divina largamente presentes na escritura, mas um e outro ignorados convenientemente por intérpretes, sejam calvinistas, sejam pentecostais. A verdade integral da bíblia<sup>63</sup> é desprezada quando se opta pela meia verdade, ou seja, o lado da verdade que interessa, a conveniência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O idealismo é um tipo de cosmovisão impregnado de imaginação, fantasia e irrealismo. É comumente aceito como bom que o indivíduo seja idealista, isto é, tenha bons ideais. Contudo, os ideais são pertencentes ao campo da imaginação e não da realidade efetiva. Aqueles que baseiam seus argumentos e pensamentos com base apenas nas abstrações da mente, ignorando a realidade e, portanto, a própria verdade, são falsos intelectuais, pseudo-inteligentes e, no máximo conseguem convencer alguns incautos apenas empregando floreios. A verdadeira inteligência, o verdadeiro conhecimento, consiste em captar os elementos próprios a realidade. A realidade é a verdade. Muitos ignoraram

63 SERTILANGES, 2019, p. 145.

a realidade e causaram os maiores crimes e desastres da história. Saber discernir entre o certo e o errado, o doce e o amargo, é uma questão de vida ou morte. A realidade sempre se impõe.

Se o idealismo em si já é pseudo intelectualidade, quando associado a algum sentimento então, sua loucura supera qualquer patamar, e dá origem ao que chamamos Ideologia. Considera-se que o trabalho intelectual pode ser muito mais produtivo se procurarmos associar sentimentos à ideias a fim de legitimá-los e dar-lhes maior desempenho. Contudo, quando um sentimento suprime a própria percepção da realidade, torna o estudioso insensível aos elementos da realidade. Nesse ponto o estudioso não julga nem discerne as coisas com base na própria inteligência em correspondência com a realidade, mas julga somente com base na paixão. Quando a paixão julga, além de ser idealista, torna-se seletiva, pois acolhe e proclama apenas as meias-verdades que lhe adulam a alma, isto é, aquelas de sua preferência ou da preferência do seu partido político. Aqui já não há inteligência, mas todo o seu produto é puro fanatismo da pior espécie. Basta ver o produto das ideologias no século XX. Cadáveres e mais cadáveres, fomes, destruição, repressão e os mais hediondos crimes que a humanidade conhece. Esse é o preço pago por ignorar a própria realidade.

Se o idealismo já é um mal caminho para o estudioso, a ideologia é o precipício. A ideologia está diretamente ligada ao modo de ver as coisas, isto é, a cosmovisão de pessoas, grupos e partidos políticos. Portanto, influencia diretamente a interpretação geral e a hermenêutica bíblica gerando uma Hermenêutica da Conveniência, uma hermenêutica de meias-verdades. Tanto o intérprete secular quanto o cristão, quando impregnado de paixão ideológica e idealismo quimérico, acolhem apenas os aspectos da verdade que lhe adulam a alma e justificam suas ações e paixões. Por isso é quase impossível dialogar com fanáticos ideológicos e religiosos, são pessoas de dura cerviz. Até sabem a verdade, pois esta tem relação com a realidade concreta por meio

da teoria da correspondência, mas fecham os olhos e desprezam tudo aquilo que não lhes agrada. Por isso temos interpretações parciais, sectárias no jornalismo, na filosofia, na história e, por que não, na teologia cristã. A realidade sempre se impõe e o verdadeiro intelectual é aquele que humildemente aceita os elementos da realidade, pois sabe, que qualquer mudança efetiva na sociedade somente é possível por meio da captação detida e respeitosa da própria realidade.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENDA, Julien. **A traição dos intelectuais**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

BENDIX, Reinhard. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Tradução de Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

CURTOIS, Stéphane [et al]. **O Livro Negro do Comunismo: crimes, terror e repressão**. Tradução de Caio Meira. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior: Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FERREIRA, Júlio Andrade (Org.). **Teologia sistemática contemporânea**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. **Política da Bíblia**: as raízes do Método Histórico-Crítico e a secularização da Escritura – 1300-1700. Tradução de Giovanna Louise. Campinas: Ecclesiae, 2018.

KENGOR, Paul. **Manual politicamente incorreto do comunismo**. Tradução de William Campos da Cruz e Ana Simões. Campinas: VIDE Editorial, 2019.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: Atos, Vol. 2**. Traduzido por Ézia Mullis e Neuza Batista da Silva. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

LAJE, Agustín; MARQUEZ, Nicolás. **O Livro negro da nova esquerda**. Tradução de Jefferson Bombachim. Curitiba: Danúbio, 2018.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Tradução da Equipa da Editora Nova Cultura. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PAYOT, Jules. **A educação da vontade**. Tradução de Roberto Mallet. Campinas: Kírión, 2018.

PAYOT, Jules. **O trabalho intelectual e a vontade**: continuação de “A educação da vontade”. Tradução de Christian Lesage. Campinas: Kírión, 2020.

ROJAHN, E. R. História da teologia do Reino de Deus: de Barth aos Dias Atuais. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 05, p. 42-63, 2019.

ROJAHN, E. R. História da teologia do Reino de Deus: de Maquiavel a Rauschenbush. **Revista Via Teológica**, v. 20, p. 111-150, 2019.

ROJAHN, E. R. História da teologia do Reino de Deus: dos tempos de Jesus à Reforma Protestante. **Revista Batista Pioneira**, v. 8, p. 323-346, 2019.

SERTILANGES, Antonin-Dalmace. **A vida intelectual**: seu espírito, suas condições, seus métodos. Tradução de Roberto Mallet; prefácio de Olavo de Carvalho. Campinas: Kírion, 2019.

YOUNGBLOOD, Ronald F. [et al]. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva [et al]. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. São Paulo: Paulus, 2005.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional